

Embaixador busca saída para a crise cambial

Moreira volta a Washington onde mostrará falta de divisas para o País cobrir compromissos

O embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, viajou ontem para os Estados Unidos com a orientação expressa do presidente José Sarney de negociar junto aos órgãos de governo norte-americano uma saída para a crise cambial brasileira. Ele deverá concentrar seus esforços junto ao Federal Reserve Board (o Banco Central de lá) e Secretaria do Tesouro dos EUA. As negociações com os bancos credores serão retomadas após os entendimentos com autoridades de governo.

A palavra moratória está riscada do dicionário a ser utilizado pelo embaixador. Todavia ele apresentará um problema matemático que supera incontestavelmente o problema linguístico. O Brasil não terá divisas suficientes para honrar todos seus compromissos externos este ano. E isto que ficou claro nas avaliações feitas durante as conversas de Marcílio Marques Moreira em Brasília e que será transmitido ao governo dos EUA.

Nos encontros realizados entre o embaixador e o ministro Funaro, bem como nas conversas com o presidente Sarney, a grande dúvida era se o Brasil iniciava agora os entendimentos para suspender em parte o pagamento dos compromissos enquanto tem um pequeno saldo de divisas, ou deixava para mais tarde quando se estima que as reservas cairão a zero. A outra questão era se a redução dos pagamentos seria unilateral ou negociada. Ficou acertado que a moratória será negociada e os entendimentos começam imediatamente.

Dos cinco grandes credores (EUA, França, Alemanha, Japão e Inglaterra) pelo menos três aderirão sem grandes resistências ao que ficar acertado com os EUA. Esta é a expectativa do Governo brasileiro. A única dúvida é a Inglaterra, que não tem se mostrado simpática às propostas de solução da crise. Cumpriu o papel de advogado do diabo durante as negocia-

ções do Clube de Paris e pode repetir o mesmo desempenho nas negociações da dívida junto aos bancos privados.

Não ficou acertado quanto e a quem será pedido o dinheiro novo. Uma das alternativas que pode ser apresentada já durante os entendimentos a serem iniciados hoje nos EUA por Marcílio Marques Moreira é o pedido de empréstimo de emergência a nível de instituições governamentais. Se o clima não for favorável, esse dinheiro pode ser conseguido junto aos próprios bancos. Ao longo do ano porém deverá ingressar um mínimo de 3 a 4 bilhões de dólares em dinheiro novo, isto apenas para honrar compromissos já assumidos.

O presidente Sarney determinou também ao ministro do Planejamento, João Sayad, que prepare em São Paulo, ainda no período de convalescença da meningite que o atacou recentemente, um programa de ajuste emergencial da economia para curtíssimo prazo, e contendo também metas de médio prazo. O ajuste tem por objetivo controlar a inflação e equilibrar as contas externas. A montagem do programa deve ser feita concomitantemente com entendimentos junto ao PMDB, de forma a garantir o respaldo político necessário à sua implantação. Rumores a nível técnico davam conta de que o embaixador brasileiro em Washington já teria as linhas gerais desse ajuste para apresentá-las informalmente ao FMI, através do governo dos EUA. Isto supondo que não seria necessária uma aprovação formal do Fundo ao programa de ajuste para as medidas de correção da crise cambial vivida pelo Brasil.

Nada indica que o Governo brasileiro esteja disposto a recorrer formalmente ao FMI, mas é bom lembrar que o programa de ajuste de 1982 foi preparado e negociado em apenas 18 dias, devido à urgência da crise provocada pelo setembro negro das finanças internacionais.